

E aqui estamos, novamente no convívio elevado da casa de Joaquim Tenreiro, para saudar a nova fase do talento sempre aplaudido do nosso inquieto Ivan Serpa. Esse *enfant terrible* da pintura brasileira parece incansável: há muitos anos mantém a atenção da crítica, viaja, educa, ocupa museus, galerias e muito espaço pelos jornais com suas variadas atividades e atitudes. Embora os seus 40 anos bem movimentados, Serpa não pára, e novamente aqui está, após dois anos da mostra do Museu de Arte Moderna, quando nos deu uma pintura pela primeira vez *informal*, por assim dizer, mas bastante comprometida com elementos do mundo exterior, da natureza, e com ativez explicava que "cada artista no tempo tem sua dimensão de tempo e aí sua dimensão expressiva". Já o tivemos antes como figurativo de índole romântica, como abstracionista, como concreto laureado na I Bienal, como seguidor do neo-plasticismo com pesquisas espaciais e ritmicas inteiramente pessoais (que lhe valeram o premio de viagem ao estrangeiro), como criador de excelentes *collagens*, que a UNESCO imprimiu, e como mestre de crianças e jovens, obsedado pela ansia de revelar valores novos e estimular vocações. E como febril polemista que, num tempo que já vai longe, mandava esta barbaridade à Candido Portinari, em letra de forma: "Só crianças ou loucos pintam hoje figuras". Agressão própria da juventude e da tremenda ortodoxia concretista que imperava então, inclusive em figuras respeitáveis da pintura e da crítica.

Agora, esse mesmo Ivan Serpa, talentoso, inconformado e operoso, já mais experiente, com uma visão artística ampliada pelo contato europeu e a meditação, aqui está com sua nova pintura, eivada de motivações figurativas, sua atual dimensão expressiva neste ameaçador agosto de 63. Uma atitude corajosa de cristalina consciência e autenticidade que não cabe glosar, como é da índole de alguns observadores mais ligeiros, mas encarar com seriedade e respeito. Se hoje Serpa se volta para uma nova figuração de figuras humanas e bichos diluídos na composição da sua sempre boa pintura, não quer dizer que tenha *regredido* habilmente para atender certas tendências leigas mais em voga, como ocorreu com algumas personalidades ilustres da pintura brasileira. A pintura atual de Serpa ao contrário de uma regressão é uma evolução, um caminhar para novos mundos, para os mundos que constituem a problemática sempre atual da arte de um Odilon Redon, de James Ensor, de um Oskar Kokoschka, ou para ficar por aqui mesmo, de um Marcelo Grassmann. Sem perda, entretanto, das características individualísticas, o apuro técnico e a seriedade que sempre marcaram as demais fases da sua pintura. É lícito esperar que Serpa, nesta sua nova fase, alcance os planos atingidos por aqueles artistas.

Jayme Mauricio



IVAN SERPA

Nasceu no Rio de Janeiro, em 1923.

Discípulo de Axel Leskochek.

Expõe pela primeira vez no Salão Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, 1947. No ano seguinte recebe, nesse mesmo Salão, a Medalha de Bronze.

Primeira exposição individual no Rio de Janeiro, em 1951, na Galeria do Instituto Brasil-Estados Unidos da América.

Exposições Coletivas:

Salão Municipal, Rio de Janeiro 1949.

Menção honrosa de desenho e Prêmio «Distrito Federal» de pintura.

I Bienal de São Paulo, 1951 - Prêmio «Jovens Brasileiros»,
XXVI Bienal de Veneza, 1952.

I Salão Nacional de Arte Moderna, Rio de Janeiro, 1952.

II Bienal de São Paulo, 1953 - Prêmio de aquisição,
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Feira Internacional de Lausanne, 1953.

Exposição brasileira na X Conferência Inter-Americana,
Caracas, 1954.

XXVII Bienal de Veneza, 1954.

I Exposição «Grupo Frente», Rio de Janeiro, 1954.

III Bienal de São Paulo, 1955 - Prêmio de aquisição.

IV Salão Nacional de Arte Moderna, Rio de Janeiro,
1955 - Prêmio especial.

IX Exposição Internacional - Prêmio Lissoe, 1955.
International Art Exhibition, Tóquio, 1955.

«Arte primitiva e moderna brasileira» Neuchâtel, 1955.

II Exposição «Grupo Frente», Museu de Arte Moderna,
Rio de Janeiro, 1955.

III Exposição «Grupo Frente», Itatiaia, 1956.

V Salão Nacional de Arte Moderna, Rio de Janeiro, 1956.

VI Salão Nacional de Arte Moderna, Rio de Janeiro,
1957 - Prêmio de viagem à Europa.

Em 1958-1959 viaja pela Europa, com estadas em
Espanha, França, Itália, etc.

X Salão Nacional de Arte Moderna, Rio de Janeiro,
1960 - Prêmio de aquisição.

Exposição «Arte Nova do Brasil», Walker Art Center,
Minneapolis (USA), 1962.

Participa em diversas exposições de artistas brasileiros
no estrangeiro.

Exposição individual no Museu de Arte Moderna do
Rio de Janeiro, 1961.

Ensina pintura no Museu de Arte Moderna do
Rio de Janeiro.

XXXI Bienal de Veneza, 1962.